

Michelle Adams

Entre as Mentiras

Tradução
Raquel Dutra Lopes

 Planeta

Para ti, Lelia, um sonho tornado realidade.
És o meu milagre.

Como se estivéssemos a afogar-nos. Disseste que era isso que parecia. Passar para baixo da superfície, descendo mais até começarmos a engasgar-nos. Os teus dedos deslizavam pelo meu peito, estávamos ali deitados naquele quarto pequeno e quente, perdidos algures, inalcançáveis e juntos. «É como se estivesse a ser engolida», disseste-me. «Como se não conseguisse recuperar o fôlego quando estou contigo.» Sentaste-te, enfiaste os dedos no cabelo e piscaste-me o olho. Eu vi aquele pequeno sorriso e apercebi-me, pelo menos a determinado nível, que sabias que não poderias fazer nada para o impedir.

Mas, Chloe, eu nunca pensei que aquilo fosse como estarmos a afogar-nos. Para mim, não foi nada disso. Porque, quando nos afogamos, resistimos, entramos em pânico e esperneamos. Arquejamos por qualquer inspiração desesperada enquanto tentamos escapar. Porque, quando nos afogamos, morremos.

Talvez não te lembres, mas tu não resististe. Deixaste-te afundar. Tu não queres uma saída. Não queres esquecer-te de mim. Dizes-me que mudaste, mas, para mim, continuas a ser tudo aquilo que sempre quis.

Isto não é como se estivéssemos a afogar-nos, Chloe, prometo-te.

Não quero morrer. Também não quero que morras.

Não é isso o amor.

Capítulo 1

Naqueles primeiros momentos, não há nada. Não há dor, não há medo. Os meus olhos entreabrem-se e, à luz cinzenta de uma Lua distante, vejo o espaço à minha volta, pele escura e o contorno curvo de um volante. Vejo uma mancha brilhante de algo oleoso, o grená-escuro de sangue pegajoso na minha pele. O que terá acontecido? Como cheguei aqui? Onde estou?

Levanto a cabeça e olho em redor. Será isto a chuva a cair, fria e a gotejar contra o meu rosto? Ouço a minha respiração a entrar e a sair e olho de relance para o lugar vazio do passageiro, a poucos centímetros de mim. Tento olhar para cima, com o pescoço a doer-me horrores, vejo os restos estilhaçados do pára-brisas. As arestas do vidro partido estão vermelhas, como que atravessadas por fogo. Desajeitadamente, levo uma mão trémula ao cinto de segurança, encontro o botão. Não tenho força para carregar. Os meus olhos estão turvos e não vejo bem. Descaio para a frente, contra a tira, com o peso morto, mas penso que é provável que continue viva.

Quanto tempo se passa comigo debruçada assim sozinha, perdendo e recuperando os sentidos, viajando nalgum lugar estranho e ermo? O frio da chuva acorda-me, a bater contra a janela, trazida pela força do vento. Está a pôr-se uma noite violenta. Uma luz azul-gelo cintila ao longe, reflectindo-se no vidro partido. Vai faiscando por entre as árvores que oscilam. Olhos abertos, olhos fechados, atirada entre a vida e a morte como um pedaço de algas ratadas apanhadas no ritmo das marés.

Uma voz soa enquanto a chuva vai tamborilando no tejadilho.

– Está a ouvir-me, minha querida?

Uma mão aberta bate no vidro molhado. Sinto dedos a puxar-me a pele, os braços nus escorregadios, o cabelo colado à cara em tufos emaranhados e vermelhos. Viro a cabeça para a figura a meu lado. Um blusão amarelo e um capacete preto a ocultar a cara do homem que grita algo para a noite. Haverá ali mais gente? Escorre-lhe água pelos ombros, uma chuva fria que me atinge com força. Ouço o barulho de vidro partido a ser esmagado por baixo de mim quando me mexo.

– Força aí. Tente não se mexer muito. – Acho que ele abre a porta. Sinto o calor do corpo dele perto do meu. – É capaz de me dizer o seu nome?

Será que sou?

Alguém me enfia um colar cervical no pescoço. Agora está mais frio, mais calmo. Não sinto as mãos. Os meus olhos estão a ficar cansados. Depois ouço alguém gritar e arrastam-me do carro, com movimentos desesperados e apressados. As vozes são levadas pelo vento.

– Estamos a perdê-la! – gritam.



Olhos abertos, arregalados. Não é um despertar contínuo, não há qualquer pausa suave entre o sonho e a realidade. É rápido, como o arrançar de um penso, o golpe afiado de uma faca. Estou sem fôlego e suada. Memórias do sonho dissipam-se à medida que olho em redor, fazendo um esforço consciente por me lembrar de onde estou. Que estou segura. Que estou viva.

Viro-me, arranco a cara à almofada e sento-me na cama; o único som é o de uma chuva delicada a embater na janela. Esfrego os olhos e oiço uma porta a abrir-se e fechar-se. Passos nas escadas, o zunzum de vozes na cozinha.

Uma família.

Dizem-me que me chamo Chloe. Quando acordei no hospital, com a voz arranhada e rouca, com a garganta quase demasiado dorida para conseguir falar, não sabia quem era. Não me lembrava de nada da minha

vida. Quem eu era, o que fazia. Como vivia. Perguntei a uma das enfermeiras, uma mulher roliça chamada Helen, cujos óculos de armações pequenas se lhe equilibravam na ponta do nariz. Ela levou a mão rechonchuda à anca.

– Não se lembra? – perguntou-me.

Eu abanei a cabeça. Latejava, parecia-me inchada. Tentei recordar e pareceu-me ter talvez uma memória vaga de um acidente, a mesma memória com que agora sonho todas as noites. Mas não tinha a certeza. Olhei pela janela, sabia que algo na chuva me era familiar, o som distante de ondas a rebentar na costa. Mas o que seria?

– Chama-se Chloe. Teve um acidente. Passou mais de um mês em coma – disse-me. – Mas está a ir muito bem, por isso tente não se preocupar.

Helen retomou a tarefa de tomar notas, registando vários valores: frequência cardíaca, tensão arterial e a temperatura, no ouvido. Olhei para o cartão levantado na mesa-de-cabeceira: *Põe-te boa depressa, Chloe*, dizia. *Com carinho da mãe, do pai e da Jess*. A minha família, ao que parecia.

Também não me lembrava deles.

Agora afasto as cobertas pesadas e bordadas e pego no copo de água que está em cima da mesa-de-cabeceira. Tenho a boca sequíssima, e assim tem estado desde que cheguei aqui. É do pó, este sítio está cheio de pó. A casa da minha família é antiga e ampla, com partes intocadas há décadas. Levo a mão ao candeeiro, que tem pequenas borlas penduradas no abajur. Acendo-o, mas este pouco faz para iluminar o quarto, cujos cantos continuam escuros, votados a sombra permanente.

Olho em redor para me lembrar de onde estou. Este sítio agora é a minha casa, mas, mesmo ao fim de várias semanas, parece-me desconhecido. As paredes estão forradas com um papel texturado, num padrão carregado de rosas num cor-de-rosa-assalmonado doentio. Os cantos estão a levantar-se em dois sítios diferentes. O tecto é branco, mas parece cinzento e escuro por causa do nevoeiro cerrado lá fora, que há dias que não desanuvia. O tecto à volta do candeeiro também está a pelar, tudo está a decompor-se. Assimilo os pormenores todas as manhãs, esperando que isso me ajude a sentir que conheço este lugar. Porém, nada nesta casa

me pertence. Eu sou de outro lugar. Sou de outra vida que não consigo recordar. De uma vida que já não existe.

Levanto-me e vou até à janela, afasto a cortina puída. É impossível apreciar a vastidão da propriedade da minha família a partir da janela do primeiro andar do velho presbitério onde me dizem que cresci. Hectares de terras de cultivo molhadas rodeiam a casa, terrenos que se prolongam até um perímetro ondulante de floresta. Algures ao longe, há uma aldeia. Gostaria de ir a pé até lá, de sair desta casa, mas o meu pai diz que é demasiado cedo. Apesar de ser uma mulher adulta, mantêm-me dentro de casa como uma criança pequena que precise de ser protegida. Dizem-me que querem o melhor para mim. Por isso, fico aqui, como me pedem. Contudo, é difícil confiar nas pessoas quando nem se tem a certeza de as conhecer.

As cores apagadas do corredor oprimem-me enquanto me dirijo para o piso térreo. A luz lá fora é ténue, uma luz invernal, prateada e suave. Isso serve para me lembrar de quanto tempo perdi, da passagem de uma estação que não testemunhei. Qual será a última coisa de que me lembro? Não tenho a certeza. Não me lembro da vida que tinha no Verão antes do acidente. Por isso, por ora tenho de me sujeitar a este sítio, a estas pessoas. A esta versão de mim.

A Chloe. Quem quer que ela seja.

O meu pai já está sentado à mesa quando chego à cozinha, e a minha mãe atarefa-se junto à bancada da cozinha. A Jess, a minha irmã, puxa uma cadeira para que eu me sente. Observo a minha mãe a dar passos ansiosos na minha direcção, de bule de chá numa das mãos e uma travessa com queques na outra. Trata-me com mil cuidados, como se ainda fosse o meu primeiro dia aqui. Encoraja-me a tirar um de chocolate e depois, comigo a observá-la, pousa a travessa na mesa comprida da cozinha.

– Queres torradas? – pergunta. – Recebemos uma boa compota.

Sorrio-lhe e assinto com a cabeça. Ela olha para o meu pai, que dá mostras da sua aprovação. Há uma atmosfera de expectativa no ar, tem sido assim desde que cheguei. É um desespero, parece-me, uma necessidade de que eu me sinta em casa. Querem que eu esteja confortável, descontraída, para que esta situação funcione.

– Chloe, infelizmente tenho de ir à clínica hoje de manhã – diz o meu pai enquanto eu vou mordiscando o queque, que tem as pontas secas e mofas. – Tenho uma série de compromissos que não posso mesmo adiar. A tua mãe e a tua irmã também vão sair.

– Okay – digo-lhe. – Eu fico bem aqui por minha conta.

Ele levanta-se e acaba a chávena de café antes de dar um beijo na face suave da minha mãe. Aproxima-se da Jess, tenta despenteá-la. Ela faz um som reprovador e mexe-se para o evitar no último momento. Depois inclina-se e deposita um beijo frio e seco na minha face. Um calafrio percorre-me a coluna.

– Não quero que te preocupes com nada – diz ele. – Está tudo a correr bem. Mas acho que será boa ideia reunirmo-nos um pouco mais tarde, hã? Já se passaram uns dias desde a nossa última sessão.

Uma sessão. A sua parte para me ajudar a reconstruir a minha vida. Começaram quando eu voltei a esta casa. Sendo psiquiatra, o meu pai parece ter assumido a responsabilidade de me acelerar a recuperação, estando determinado a ajudar-me a recordar o passado que continua a escapar-me. Esperava que, por esta altura, a minha família já me tivesse contado mais acerca da minha vida. Onde eu costumava viver. Quem eram os meus amigos. Como passava o meu tempo. Mas ninguém parece disposto a contar-me o que quer que seja e eu não consigo lembrar-me por mim. Tudo a seu tempo, dizem. Isto vai ajudar-te, diz-me o meu pai. Ele quer que eu me lembre. Mas sempre e só segundo as suas condições.

Pega num exemplar do *The Times* e dobra-o debaixo do braço.

– Vamos ter-te a sentires-te de volta ao normal em breve, Chloe. Andas a fazer excelentes progressos. Mas, por favor, enquanto estiveres aqui sozinha hoje, não saias. Ainda não estás preparada para isso. Oh, ia-me esquecendo. – Revela um pequeno pires de cerâmica com três comprimidos. – Não te esqueças de tomar estes.

Coloco os comprimidos na boca, uma mistura de analgésicos e anti-convulsivos, que tomo com um gole de água. Da janela embaciada do escritório do meu pai, vejo-o entrar no seu carro; a Jess entra no da nossa mãe, e depois tanto um carro como outro se afastam, um após o outro. Para vidas sobre as quais nada sei. O meu olhar segue os carros até as luzes serem engolidas pelo muro espesso de nevoeiro. E, ali espedada em

roupas que não me pertencem realmente, numa casa à qual eu não pertenço, penso na sua instrução acerca de não sair. Tenho o mesmo pensamento que me ocorre todos os dias: se eu sáísse de facto, se fosse para outro sítio que não este, para onde iria? Porém, não sou capaz de responder a essa pergunta. Porque, para além desta casa e destas pessoas que são quase desconhecidos para mim, nada sei acerca da minha vida.

O meu pai diz que, depois de termos terminado as sessões de terapia, tudo voltará ao que era, com nada mais do que uma cicatriz ténue e bem sarada a ligar-me o passado ao presente. Mas, apesar do que ele faça, de quanto se esforce, não serei capaz de regressar à minha antiga vida. A pessoa que eu era morreu, foi-nos levada pelo acidente. E, embora me sinta confusa em relação à maioria das coisas, há uma coisa que sei: não é possível devolver a vida aos mortos. A velha Chloe desapareceu e receio bem que nunca mais vá recuperá-la.

Porém, o que me assusta ainda mais é achar que a minha família não quer que eu a recupere.